

ALUNO E PROFESSOR: PROTAGONISTAS DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Alessandra Ferreira Beker Daher¹

1 INTRODUÇÃO

O aluno precisa relacionar um novo conhecimento a proposições e conceitos relevantes em sua estrutura cognitiva para desenvolver a aprendizagem, ou seja, que já existam com uma mínima noção de clareza, estabilidade e diferenciação. Evidentemente, o professor e seus materiais pedagógicos, como mediadores da aprendizagem, precisam estar articulados com a natureza deste empreendimento educacional: os professores adotando uma postura interacionista e os materiais de aprendizagem sendo potencialmente significativos.

Aprender significativamente implica atribuir significados, e estes têm sempre componentes pessoais. Aprendizagem sem atribuição de significados, sem relação com o conhecimento pré-existente, é mecânica, não significativa. Na aprendizagem mecânica, o novo conhecimento é armazenado de maneira arbitrária e literal na mente do indivíduo.

A relação do professor com a aprendizagem mecânica é proveniente de sua formação acadêmica, e a mudança dessa concepção é um importante passo para reeducar a escola na aplicação de um processo de construção de conhecimento significativo.

Este texto inicia-se abordando a aprendizagem em suas concepções gerais, e prossegue relacionando-a com seu processo no desenvolvimento escolar, mas sem fugir ao conceito, que prega a aprendizagem atrelada a independência intelectual, na forma de ação que promove a construção social do conhecimento.

¹ Professora especialista em Educação Ambiental e técnica da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande-MS

2 APRENDIZAGEM: CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais”.

Rubem Alves²

As análises iniciais sobre a aprendizagem consideravam que este processo só poderia se desenvolver no âmbito escolar, acumulando informações transmitidas mecanicamente pelos professores e decoradas pelos alunos. Essa sistemática obteve êxito no processo educacional no passado, mas deixou de ser eficiente à medida em que a sociedade evoluiu, tornando-se um amontoado sucessivo de informações reunidas sem uma utilização adequada, pois não atendiam mais as necessidades contemporâneas.

Sendo assim, houve a necessidade de se discutir a aprendizagem com o aprofundamento das pesquisas da Ciência em relação ao funcionamento do cérebro, analisando a construção do conhecimento a partir do ser biológico e toda a estrutura de formação do conhecimento no cérebro, relacionando também a influência de sua formação sócio-cultural somada aos aspectos genéticos.

Então, ao se discutir a aprendizagem com base nas pesquisas científicas relacionadas com a construção do conhecimento, observou-se que a mente humana não pode ser instruída, pois o ser humano, além de sua bagagem genética e seu comportamento instintivo, possui tendências atitudinais que se incorporam na medida em que a interação com seu meio ambiente se desenvolve. Dessa forma o instrucionismo³ não pode mais ser admitido, pois tratando-se da aquisição de conhecimento, a mente humana só percebe um significado quando cria e recria os seus próprios significados.

² Rubem Alves, apud Becker, p. 23

³ Termo adotado pelo Prof. Dr. Pedro Demo, cujo significado é “mero ensino, autoritário, imposto de fora e acolhido pelo estudante na posição de objeto”.

Maturana (1998, p. 32), refere-se à aprendizagem humana da seguinte maneira:

A aprendizagem é o caminho da mudança estrutural que segue o organismo (incluindo seu sistema nervoso) em congruência com as mudanças estruturais do meio como resultado da recíproca seleção estrutural que se produz entre ele e este, durante a recorrência de suas interações, com conservação de suas respectivas identidades.

Demo (2004, p. 60) define aprendizagem como “processo dinâmico, complexo não linear, de teor autopoietico, hermenêutico, tipicamente interpretativo, fundado na condição de sujeito que participa desconstruindo e reconstruindo conhecimento”. Dessa maneira, pode-se considerar o ato de conhecer como um questionamento, sendo um processo dialético de desconstruir e reconstruir o conhecimento. A aprendizagem reconstrutiva destaca-se pelo desafio de reconstruir o conhecimento através do processo educativo, pois aprendemos a partir do que já tínhamos aprendido.

No convívio social, a aquisição de conhecimento, apesar de constante, é incompleta em formar o indivíduo para vivência em sociedade. Ela é complementada pelo processo de ensino e aprendizagem desenvolvido no convívio escolar. Sendo assim, professor é o agente de fomento da busca pelo conhecimento a ser desenvolvido no aluno, e assim feito, só depende do próprio aluno para que o processo de aprendizagem seja realizado com sucesso.

Uma das maiores dificuldades em promover a aprendizagem na escola, é retirar do contexto escolar o instrucionismo que está incorporado na prática pedagógica do professor, haja vista que aprender em sala de aula não possui relação com assistir aulas, que não passa de mera transmissão de informações prontas e acabadas, nem com as cópias ou reproduções de atividades e modelos estipulados pelo professor e muito menos possuir relação com a quantidade de aulas dadas.

A aprendizagem acontece quando existe a necessidade de conseguir algo, e conseguindo-o, torna-se importante apropriar-se dos mecanismos utilizados nessa ação. Sendo assim, o ensino não deve ser posto como precursor da aprendizagem, visto que o sujeito aprende por conta de sua própria prática e não por meio do que se ensina. Segundo Freire (1996, p. 24) “aprender precedeu ensinar, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender”.

O aprender na escola precisa acontecer de forma significativa, dessa maneira a apropriação do conhecimento não pode partir do nada, mas sim do conhecimento prévio, dos interesses e das experiências dos alunos. A aprendizagem torna-se significativa quando o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento dos alunos passando a adquirir significado para ele ao manter relação com a sua vivência. Como afirma Gómez (1998, p. 38), ao comentar sobre a aprendizagem significativa de Ausubel, dizendo que “a aprendizagem significativa está na vinculação substancial das novas idéias e conceitos com a bagagem cognitiva do indivíduo”.

Quando ocorre o inverso e o conteúdo a ser aprendido na escola não possui relação com o contexto do aluno, o mesmo acaba por “decorar” as informações, e com o passar do tempo esquece tudo que foi trabalhado. Como reforça Antunes (2002, p. 29):

[...] os saberes não se acumulam, não constituem um estoque que se agrega à mente, e sim há a transformação da integração, da modificação, do estabelecimento de relação e da coordenação entre esquemas de conhecimento que já possuímos, em novos vínculos e relações a cada nova aprendizagem conquistada.

3 APRENDER: TAREFA DO ALUNO E DO PROFESSOR

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”.

Paulo Freire

Ao tratar do processo de aprendizagem no contexto escolar deve-se considerar dois atores de extrema importância, o aluno como agente ativo e participativo do processo da sua aprendizagem e o professor como agente na mediação entre o aluno e a busca por novos conhecimentos.

A aprendizagem como função da aula é ainda um pensamento de muitos professores, que entendem que quantidade de aula está diretamente ligada à aprendizagem, ou seja, “quanto mais aula se dá, mais o aluno aprenderia” (DEMO, 2007), esse equívoco acontece também com os pais que acreditam que a aprendizagem dos seus filhos pode ser medida pela quantidade de aulas que eles assistem. Até mesmo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação ao determinar o aumento do período letivo para 200 dias, apresenta essa confusão.

É o aluno o responsável final pela sua aprendizagem ao atribuir significado aos conteúdos, no entanto é o professor que determina as atividades que os alunos devem desenvolver, possibilitando uma orientação adequada ao processo de construção do conhecimento. Sendo assim, fica evidenciado que o potencial de aprendizagem de um aluno constitui-se da soma da capacidade cerebral de processar as informações, com a capacidade de interação com o meio onde se está inserido em um processo intermediado pela ação pedagógica do professor.

Sabendo que o fenômeno de aprendizagem dos alunos depende muito da aprendizagem do professor, de nada adianta uma escola bem gerenciada e com os recursos pedagógicos disponíveis se a comunidade escolar, principalmente o professor, não deixar de lado as aulas instrucionistas e passar a considerar o saber pensar e o aprender a aprender. Pois o processo de aprendizagem deve acontecer concomitantemente no aluno e no professor, conforme Demo (2007) “Se quisermos melhorar a aprendizagem dos alunos, há que promover a aprendizagem do professor”. Pensando nessa afirmação é importante que o professor tenha o hábito de ler, estudar, pesquisar e elaborar, propiciando aos alunos um mecanismo que dê condições para que os mesmos consigam desenvolver uma autonomia para aprender.

Infelizmente, o professor é oriundo de uma formação acadêmica instrucionista, em geral, sai da universidade sem saber “aprender” e muito menos com conhecimento e capacidade de pesquisa. Essa graduação ensina o professor a transmitir informações, como se existisse um conhecimento certo e que o aluno precisa saber.

Nos dias atuais em que as informações estão ao alcance de todos e de diferentes maneiras, não cabe mais ao professor a função de repassá-las, mas sim, de mediar a organização para que as mesmas façam sentido para os alunos. Neste contexto o professor precisa reconstruir o seu papel no processo de ensino e aprendizagem, deixar de ser o transmissor de conteúdos e atuar como mediador, criando situações significativas as que favoreçam aos seus alunos condições de se apropriar de um conhecimento.

O docente precisa considerar que o erro do aluno no processo de aprendizagem não deve ser visto como a característica de punição ou crítica, situação que ele mesmo passa em sua formação universitária, mas sim como uma forma de reconstrução, pois é a partir dos desacertos que acontece uma aprendizagem concreta, ou seja, cometer um erro e retomá-lo é o caminho para aprender. Como afirma Cortella (2006, p. 112):

Errar é, sem dúvida, decorrência da busca e, pelo óbvio, só quem não busca não erra. Nossa escola desqualifica o erro, atribuindo-lhe uma dimensão catastrófica; isso não significa que, ao revés, deva-se incentiva-lo, mas, isso sim, incorporá-lo como uma possibilidade de ser chegar a novos conhecimentos. Ser inteligente não é não errar; é saber como aproveitar e lidar bem com os erros.

Demo (2006) aponta que para o aluno aprender bem, é imprescindível que o professor continue aprendendo bem, sendo um eterno aprendiz. No entanto, alerta que para desenvolver sua própria aprendizagem não basta apenas acumular certificados ou semanas pedagógicas, é necessário que esse investimento seja capaz de provocar

mudanças no fazer pedagógico em sala de aula, refletindo na aprendizagem de qualidade dos alunos.

4 APRENDIZAGEM NO CONTEXTO EPISTEMOLÓGICO

A noção de aprendizagem está, em sua origem, associada à idéia de apreensão de conhecimento, e a concepção deste conhecimento pelo professor está diretamente ligada a sua epistemologia (mesmo que o professor não tenha consciência disto), e é através dessa concepção que o professor determina o seu caminho didático-pedagógico.

É muito importante que o professor tenha conhecimento dessas epistemologias, mas isso só ocorre com base em muita leitura e estudo. Nesse sentido aquele pensamento muito comum de que o professor não precisa mais aprender porque já ensina, cai por terra. Entender e diferenciar as epistemologias é uma fase importante para realizar um bom trabalho como docente.

Mas esse aprofundamento teórico só se desenvolverá na medida em que o professor entender sua importância e significado, pois nenhum profissional, seja de qualquer setor, é capaz de aprofundar seu conhecimento em algo que para ele não tem sentido algum, como coloca Becker (2003, p.23):

“Procurei pensar as condições que julgo necessário para que a vida retorne à escola, para que a escola torne-se um lugar significativo para o aluno. Lembrando sempre que a criança e o adolescente não deixam de fazer coisas por serem difíceis, mas por não terem sentido. E o professor torna-se-á um bom educador, apreciado pelos alunos, na medida em que deixar de fazer coisas que para ele mesmo não têm sentido”.

Segundo Becker (2001), observa-se três pressupostos epistemológicos e seus modelos pedagógicos, os quais serão apresentados e discutidos nos próximos subtítulos.

4.1 Empirismo – Pedagogia Diretiva

“O professor jamais aprenderá e o aluno jamais ensinará”.

Fernando Becker

A concepção de aprendizagem baseada na pedagogia diretiva, esta pautada epistemologicamente no empirismo, onde o professor fala e direciona as ações e o aluno escuta e executa as mesmas sem questionamento. Nesse contexto a aprendizagem é vista como mudança de comportamento resultado do treino ou da experiência. Tendo o conhecimento como algo que vem de fora, trazido pelo professor, o aluno não questiona a sua origem somente assimila e são os sentidos responsáveis pela apreensão do conhecimento, pois através deles que o aluno tem contato com as coisas do mundo exterior. O aluno é considerado uma tábula rasa, folha de papel em branco que não sabe nada em termo de conhecimento e necessita que as informações sejam transferidas.

Nessa sistemática o aluno é tratado como um ser desprovido de conhecimento e apto apenas a receber e reproduzir informações, como coloca Becker (2001, p.18):

O professor acredita no mito da transferência do conhecimento: o que ele sabe, não importa o nível de abstração ou de formalização, pode ser transferido ou transmitido para o aluno. Tudo que o aluno tem a fazer é submeter-se à fala do professor.

Ao ser tratado como um mero receptor de informações, sem interagir em seu próprio processo de aprendizagem, o aluno torna-se alguém sem capacidade crítica, ineficiente ao exercer a cidadania para qual deveria se formado.

4.2 Apriorismo – Pedagogia Não-diretiva

“Ensino e aprendizagem não conseguem fecundar-se mutuamente: aprendizagem por julgar-se auto-suficiente e o ensino por ser proibido de interferir”.

Fernando Becker

Diferente do tratamento a ele destinado na pedagogia diretiva, na pedagogia não-diretiva considera-se que o aluno possui um saber proveniente da herança genética, ou seja, nasce com ele, necessitando apenas organizar e complementar seu conhecimento com o auxílio mínimo do professor. O professor nesse caso acredita que o aluno aprende sozinho e não precisa de sua interferência. Neste pressuposto epistemológico, onde o ser humano é dotado de um saber considerado de nascença, encontra-se também um ser humano desprovido dessa mesma capacidade, considerado deficitário, sendo assim não seria possível superar esse *déficit* em relação à aprendizagem. Sendo assim, todos os defensores dessa pedagogia não acreditam na influência das estruturas sociais sobre o aluno.

Nessa sistemática a aprendizagem sobrepõe o ensino de tal forma que a aprendizagem é considerada auto-suficiente e absoluta, já o ensino é desautorizado, prejudica o aluno, sendo proibida intervenção do professor.

4.3 Construtivismo – Pedagogia Relacional

“O professor, além de ensinar, passa a aprender; e o aluno, além de aprender, passa a ensinar”.

Paulo Freire

Nessa concepção epistemológica o conhecimento não está pronto, acabado e muito menos é dado. A construção do conhecimento constitui-se pela interação do indivíduo com o meio físico e social. Dessa forma a pedagogia referente ao construtivismo não acredita que o aluno é um mero receptor de informações transmitidas pelo professor, nem uma tábula rasa que ao se deparar com algum conhecimento novo, seja considerado um completo ignorante do assunto. Pelo contrário, o professor que trabalha nessa pedagogia baseada na epistemologia construtivista, compreende que o aluno traz consigo uma história de conhecimento que já foi construída e não pode ser deixada de lado. O aluno utiliza toda essa vivência para construção de um novo conhecimento com o auxílio do professor.

No ponto de vista construtivista o conhecimento não é dado nem pelo objeto (empirismo), nem na bagagem hereditária (apriorismo). O conhecimento é uma construção onde o sujeito age com as estruturas que já possui, sobre o meio físico e/ou social. O sujeito retira o que lhe interessa do meio e reconstrói o que já possui, por meio dos elementos novos que acaba de abstrair, ou seja, acontece a síntese dinâmica da ação e da abstração, e em consequência, surgem os novos conhecimentos.

Nesse pressuposto o aluno só construirá um novo conhecimento agindo e problematizando a sua ação, isso acontece quando ocorre assimilação (ação sobre o material disponibilizado) e acomodação (resposta para as perturbações provocadas pela assimilação do material).

Quando o professor concebe o conhecimento do ponto de vista construtivista, percebe que o aluno é sujeito ativo com ação assimiladora e acomodadora. O professor não aceita que o aluno fique passivo ouvindo sua fala ou repetindo lições que consistem em responder mecanicamente os problemas que não assimilou. Dessa forma o professor e a escola preparam o aluno para se tornar um cidadão crítico e participativo, deixando de ser um mero ser manipulável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do avanço nos conhecimentos sobre a aprendizagem enquanto processo social, a maioria dos docentes parece ignorar seu papel na interação e na construção social do conhecimento no desenvolvimento de uma aprendizagem significativa.

Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente, fazendo do professor um co-autor do processo de aprendizagem dos alunos, levando o conhecimento a ser construído e reconstruído continuamente.

Mas isso só tem valor se, como foi dito nesse texto, o docente entender que aprendizagem constitui-se de um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais.

Quando o conhecimento é construído pelo sujeito da aprendizagem, há que se prevalecer a resignificação dos sujeitos baseadas em novas formas de comunicação, caracterizando assim competências e atitudes significativas.

A palavra que melhor define um processo de construção da aprendizagem eficiente é “interatividade”, pois dessa maneira, o professor exerce a sua habilidade de mediador das construções de aprendizagem, pois mediar é intervir para gerar mudanças por provocar o sujeito. O docente torna-se um colaborador e exerce a criatividade do seu papel de co-autor do processo de aprender dos alunos.

Enfim, o exercício da docência deve formar um sujeito capaz de ter história própria, e não história copiada sendo uma sobra de outros, tendo o conhecimento como cooperação, criatividade e criticidade, fomentando a liberdade para interferir e transformar, tornando-se protagonista da sua aprendizagem.

6 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006.

DEMO, Pedro. **Conhecer e aprender: sabedoria dos limites e desafios**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DEMO, Pedro. **Aprendizagem no Brasil: ainda muito por fazer**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DEMO, Pedro. Conhecimento e aprendizagem, atualidade de Paulo Freire. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/torres/demo.pdf>.

DEMO, Pedro. Estudar. 2006: Disponível em: <http://pedrodemo.blog.uol.com.br/>

DEMO, Pedro. Teoria e Prática do Projeto Pedagógico. Disponível em: <http://pedrodemo.blog.uol.com.br/>

DEMO, Pedro. Equívocos da educação. 2007. Disponível em: <http://pedrodemo.blog.uol.com.br/>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Boniteza de um sonho, ensinar e aprender com sentido. Disponível em: http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Livros/gadotti_livros_boniteza.htm

MATURANA, Humberto. **Da biologia à psicologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SACRISTÁN, J. G. e GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.